



“Proibido proibir”, cantavam em **Paris** os jovens durante a massiva marcha do dia [13 de maio de 1968](#)

Há 50 anos, mais de um milhão de pessoas participaram da greve geral convocada pelos principais sindicatos da

França

O sociólogo francês [Michel Wieviorka](#) (Paris, 1946), que viveu pessoalmente o [Maio de 68](#) explica o que o movimento francês nos deixou de legado e os desafios contemporâneos.

Onde você estava durante o Maio de 68?

Estudando em **Paris**. Participei de todas as [manifestações](#), ou quase todas, mas sem entender muito o que estava acontecendo. Eu era muito jovem, tinha 21 anos e naquele momento o **movimento** não era muito claro. Era um movimento de festa, de emancipação, antiautoritário, cultural. Mas, no sentido mais político, não tinha muito claro do que se tratava tudo isso.

Quanto do que foi conquistado em Maio de 68 prevalece hoje em dia?

É muito difícil falar nestes termos, ainda há muita paixão e ilusão quando se recorda esse movimento. Há pessoas que dizem, de maneira negativa, que [Maio de 68](#) acabou com a autoridade na **França** e que abriu a porta ao **neoliberalismo**, sobretudo por essa ideia de “proibido proibir”. No meu ponto de vista, graças a esse movimento a **França** saiu do mundo velho, marcado por muitos arcaísmos intelectuais e o declive do **Partido Comunista**. Mudamos o tipo de sociedade e sua relação com o Estado. Por isso, acredito que não ficaram coisas precisas, mas, sim, novas maneiras de pensar a relação da sociedade com o Estado.

Como era essa “sociedade nova”?

O [movimento de 68](#) não queria tomar o poder do Estado e rompeu com essa lógica. Daí apareceram novas maneiras de falar e de comunicar, de forma mais direta, mais normal. Para mim, estas foram as coisas mais importantes que conseguimos. Foi a entrada em outro tipo de sociedade e nós a estávamos construindo como podíamos.

Este discurso recorda muito as demandas das Primaveras Árabes ou o movimento dos indignados na Espanha, durante o 15-M...

Exatamente. O [movimento 15-M](#) é um pouco o filho pequeno de 68, porque tem muito a ver com a sua maneira de pensar a cultura e as relações das pessoas. Assim como ocorreu durante o **15-M**, durante o **Maio de 1968** nasceu uma nova sociedade e morreu outra. Mas, também foi o momento em que os dois mundos viveram juntos.

Em várias ocasiões, você comentou que estamos entrando em uma “nova era”. O que a caracteriza?

Nesta nova era segue havendo política, mas devemos repensá-la de novo. A sociedade de hoje em dia se caracteriza pela capacidade de pensar muito globalmente, viver localmente e estar muito comunicada. O que hoje ocorre em uma pequena parte do mundo deve ser analisado com lógicas locais, nacionais, supranacionais e planetárias.

Que papel as redes sociais desempenham na construção desta era?

As [redes sociais](#) não têm o mesmo nível de comunicação que de ação. Por isso, os **movimentos sociais** mais importantes atualmente são os que combinam, ao mesmo tempo, redes sociais e capacidade de se conhecer fisicamente. Como o **movimento antiarmas** dos jovens estadunidenses ou o

movimento feminista

Você acredita que mais do que uma mudança política, hoje em dia há uma mudança de moral?

Claramente. Estamos entrando em um momento histórico onde se está mudando a maneira de entender as relações entre as mulheres e os homens, onde a subjetividade é muito mais importante que antes, onde cada pessoa deve ser capaz de tomar decisões individuais e não unicamente como membro de uma comunidade. Estamos em um mundo culturalmente distinto em razão da comunicação. Toda a minha geração sabe que para saber algo da vida cotidiana é preciso perguntar aos jovens.

E como são estes jovens?

Os [jovens de hoje](#) têm tudo mais difícil e são mais pessimistas que os de minha geração.

Quais você acredita que serão os desafios que marcarão a primeira metade do século XXI?

É muito complicado saber, porque tudo está mudando muito rápido. Mas, sobretudo, a nova era será marcada pela **multiculturalidade**, outros tipos de violência, outra maneira de nos comunicar.

Como se lida com um mundo multicultural, quando há vozes que o rejeitam?

Hoje em dia, há um **fluxo migratório** muito importante. Mas, eu posso te dizer que a América Latina é muito mais aberto às pessoas que os países europeus. Na

Europa

, a imigração é o tema político central e há medo, rejeição. Se você faz uma comparação com a

Europa, este país é muito mais aberto.